

Mudança deixa Maílson surpreso

Bastou pouco mais de um minuto para superar uma divergência que vinha se desenrolando durante 26 dias na mesa de negociações em Nova Iorque, capitaneada pelos bancos canadenses, representados no comitê dos bancos credores pelo Banco de Montreal. O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, ficou atônito com uma mudança tão rápida no panorama das conversações.

Ele lamentava, no início da noite de sexta-feira, em Florianópolis, em telefonema de 15 minutos a um dos chefes da equipe negociadora, Sérgio Amaral, a resistência dos bancos canadenses à não vinculação automática total proposta pelo Brasil. A linha caiu e o próprio Maílson ligou de novo para Nova Iorque, pouco mais de um minuto

depois, ouvindo de um Amaral agora eufórico a boa nova: os bancos canadenses acabaram de aderir, conforme telefonema que o outro chefe da equipe, Pádua Seixas, diretor da Dívida Externa do Banco Central, acabara de receber do presidente do comitê dos bancos credores, William Rhodes, do Citibank.

Amaral telefonara ao ministro em Florianópolis, onde ele cumpria extensa agenda, por volta das 14h30, da sexta-feira. Como Maílson estava num compromisso, os dois só se falaram no início da noite. A notícia foi dada ao presidente Sarney no sábado de manhã e explica seu otimismo com o desenrolar das negociações na entrevista que deu na Base Aé-

rea de Brasília, no domingo, no embarque para Nova Iorque. O Presidente só não anunciou que a questão da vinculação estava superada porque faltava um pequeno detalhe a acertar.

Este pequeno detalhe foi fechado ontem e consistia no quorum mínimo dos bancos para suspender o desembolso da terceira parcela do empréstimo de refinanciamento dos juros, no primeiro trimestre de 89, caso o Brasil não cumpra as metas acertadas com o FMI para o último trimestre deste ano e não obtenha *waiver* (dispensa) do Fundo. O comitê queria 100 por cento, mas acabou concordando em 85 por cento, pelo valor do crédito, o que restringe bastante o número de bancos votantes.